

## Questões de fomento

## A-propósito de uma crítica

### Origens do desenvolvimento das sciências, das artes e das indústrias — Causas do atraso em Portugal

**N**ão são de hoje nem de ontem os problemas das nações a propósito de fomento.

Este é função do sistema orgânico das sociedades e do seu estado de adiantamento nas artes, sciências e indústrias.

Assim, na velha Grécia o fomento, se tal noção já lá existisse, consistiria no aperfeiçoamento das artes esculturais e architectónicas pelos escravos, e das artes militares pela tropa arregimentada.

A passagem das Termópilas foi obra dos milicianos bem adestrados. As fábulas, como perfeição poética, saíram dos estiletos de Esopo e Fedro, escravos. Escravos foram ainda os que criaram as ordens architectónicas Coríntia, Dórica e outras que mais tarde o italiano Vignola veio a disciplinar em cinco tipos.

Não entenderiam o velho Egipto e a velha Roma os caminhos de ferro, nem a electricidade como obras de fomento, porque nem sequer a existência de tais actividades conheciam. Para o Egipto, fomento era a criação de uma architectura arrojada, cheia de hieroglifos simbólicos, grandes cariátidas e animais monstruosos esculpidos na pedra.

Para Roma as estradas militares, os aqueductos e as instalações para augúrios e sacrificios, obra dos escravos, eram tudo, representavam a última expressão do Progresso.

Já a Idade Média considerava só grandes os Conventos alterosos, os Castelos Roqueiros e os Torneios fidalgos para o campeonato da galantaria.

O regimen dos escravos atenuara-se um pouco; viera, porém, juntar-se-lhe o regimen dos servos, palavra que ainda hoje entre nós subsiste no sentido pouco nobre de criados ou subalternos.

Para a Igreja nos séculos XV e XVI o fomento consistia em perseguir herejes e queimar luteranos ou em purificar as almas pela reza, pelo cilício e pelos exercícios da caridade.

E tudo, bem como todos concorriam sincera e dedicadamente para as obras do fomento, que em cada época tem tido uma interpretação diversa mas sempre peculiar ao estado das concepções materiais e morais dos povos.

\*\*\*

Da Alemanha partira o primeiro grito da Reforma que, com a descoberta de Gutemberg, pôde fazer eco e repecutir-se de monte em monte, de vale em vale, até aos povos mais longínquos.

A Renascença que de há muito alvorecera na Itália, veio despertar nos povos o amor da cultura, pelas investigações eruditas que trouxeram a todos os conhecimentos dos mais belos primores da literatura, escultura e pintura da antiguidade clássica.

A Revolução de Cromwele, enfim, com a execução de Carlos I no cadafalso, demonstrou

com evidência às populações obcecadas da Europa, que os Reis, tanto como outros quaisquer chefes de Estado, não são invulneráveis logo que se desviem do rigoroso cumprimento dos deveres inerentes aos seus cargos.

Este movimento quasi simultâneo dos fins da Renascença a coincidir com os princípios da Reforma e depois a Revolução de Inglaterra, foi o que, auxiliado pelos descobrimentos das terras de Além-mar, veio tornar possível o desenvolvimento material das sciências e a sua aplicação à grande industria.

Então a face do mundo principiou a modificar-se completamente. As sciências subdividiram-se em partes, secções, ramos diversos dos conhecimentos humanos.

As materias primas descobertas nas novas Ilhas e nos novos Continentes aconselharam a aplicação dos conhecimentos ao trabalho colectivo.

Aqui e ali surgiram fábricas de toda a espécie.

Construíram-se altos fornos para a extracção sucinta dos metais que se iam arrancando às Minas.

A descoberta da força do vapor, evidenciada na marmitta de Papin, deu o almiré para a construção de maquinismos, que, de complicação em complicação, nos trouxeram a locomotiva que encurta as distâncias na Terra, o paquete que aproxima os continentes por mar, e enfim os aviões, hidroplanos e Zepelins que descobriram a linha recta nos ares.

O telegrafo, enfim, aproximou o pensamento, imprimindo a toda a civilização ocidental um caracter de generalidade.

O Seculo XX centuplicou estas actividades, desdobrou-as, acrescentou-lhe as energias, criando uma situação mundial em que, sem as chamadas obras de fomento, na moderna acepção, nenhum paiz conseguirá desenvolver-se.

Por isso dizemos que o Progresso, tanto como a Prosperidade económica ou financeira, particular ou nacional, desenvolvem-se em função do fomento.

\*\*\*

Aqui cabe o questionário conciso:

—O que é o fomento no sentido mais moderno?

—Porque não se desenvolve êle em Portugal?

A resposta causativa seria:—«deficiência pedagógica».

Sim! porque é a inconsciência colectiva resultante da ignorância geral o que nos tira todas as energias, sem as quais nem acompanharemos a civilização moderna, nem nela conseguiremos integrar-nos.

Fomento, na moderna acepção do termo, significa o desenvolver do trabalho produtivo, o arrotear científico dos campos, o explorar metódico das minas, o aproveitar técnico de todas as materias primas que um paiz produz ou importa, o multiplicar dos meios de trans-



PORTO à análise das afirmações do dr. Alvaro Maia feitas no número de 1 de Outubro da revista *Illustração*.

IV — *Os habitantes das Velhas e Novas Conquistas estão a milhas de léguas de distância dos habitantes da India Britânica. Não há neles pureza de raça porque a bem dizer, descendem quasi todos dos primitivos habitantes e dos ousados navegadores e soldados que para lá foram nas eras de quinhentos e seiscentos...*

Heresia histórica inqualificável! A sua única justificação é seguir as directrizes certa corrente das letras portuguezas que por aí pulula, tudo afirmando com a máxima facilidade e encapotando a superficialidade dos conhecimentos sob um veu de generalizações absurdas e de ilacções baseadas em permissas erróneas. E' que, na verdade, não há nada mais absurdo do que concluir, talvez, do nosso lapelativo de indo-portuguezes uma comisturação indo-portuguesa do nosso sangue! E embora essa comisturação não tenha, para mim, nada de repugnante como facto, o que me repugna são as conclusões que daí pretendem tirar o sr. Maia e outros. Porque não é o sr. Maia o único que o pretende. Trata-se dum erro generalizado. Em muitos cérebros respeitáveis reina, por exemplo, uma confusão tremenda no que diz respeito aos indios gua-

(Conclui na 6.ª página)

porte e locomoção, o custear rigoroso de instituições de character altruista e mais uma infinidade de aproveitamento da força dos homens e das riquezas do solo e sub-solo.

—Em Portugal tudo está por fazer. Vivemos na miséria porque não sabemos viver na prosperidade. Passa-se a vida no ócio que de paupera, porque não podemos, nem sabemos, nem queremos gozar os prazeres e as compensações do trabalho que nobilita.

—Porquê?

—Não que o portuguez não queira trabalhar mas porque lhe falta emprêgo.

Os capitalistas retraem-se para não custear obras proveitosas, e o Estado, quando não esbanja, está pobre ou desconhece como se obtém os recursos para Pontes, Cais, Docas, Estradas, Poços artesianos, Canais de irrigação, Guindastes, etc.

E porque todos estes recursos nos escasseiam, também a falta de trabalho se faz sentir, também a fome nos invade os lares, também a importação nos empobrece, também o êxodo dos emigrantes aumenta, também o respeito e a consideração nos falecem.

Por isso continuamos convencidos de que tudo em Portugal pôde reportar-se a um problema pedagógico.

Haja bom ar, animatógrafos concorridos que tudo mais em Portugal é cousa muito secundária!...

LADISLAU BATALHA

## A-propósito de uma crítica

(Conclusão da 1.ª página)

ranys e tupinambás e índios hindus. Pretende-se freqüentemente avaliar os efeitos do domínio português na Índia pela colonização do Brasil. Ora a verdade é que nenhuma homogeneidade de condições existe entre uns e outros pois na Índia nunca houve uma verdadeira colonização.

A política colonial portuguesa na Índia foi essencialmente comercial, visou unicamente o predomínio dos mares. Nisto seguiu a orientação de D. Francisco de Almeida talvez mais conhecedor do que o seu gigantesco rival, do exclusivismo racialista dos hindus estratificado em rígidos preceitos de religião. O Império Luso-Indiano, com a fusão das duas raças, so-nhada por Albuquerque, foi uma miragem fugidia que não passou da célebre e cómica ceia, bem conhecida, após a qual ele fechou na mesma sala soldados portugueses e bailadeiras nativas mandando depois apagar as luzes...

E como esperar outro resultado tratando-se dum povo que para evitar a amálgama étnica engendrava o próprio sistema das castas e se regia pelas leis daquele formidável manú que dissera que a pureza da raça era uma joia inestimável que a nação devia conservar a todo o custo? Como convencer os orgulhosos filhos de Brahma a cederem as suas filhas a longínquos aventureiros, eles que as não cediam aos seus próprios irmãos das outras castas?

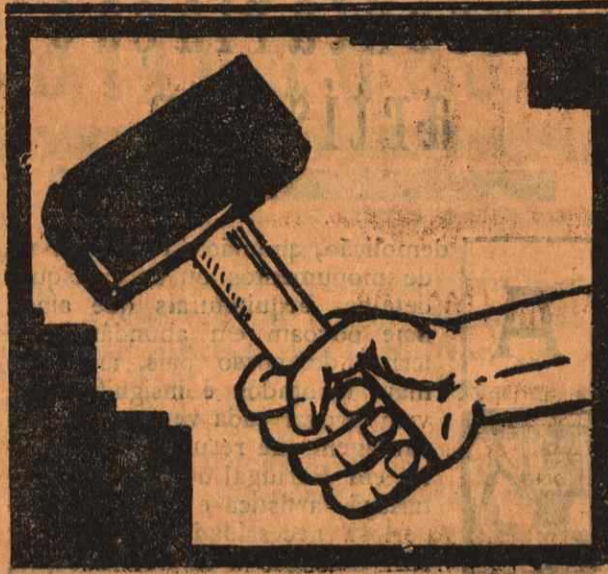
A afirmação do sr. Maia é somente aplicável em Goa a uma comunidade *restritíssima* e quasi em via de extinção, os *mestiços*. Afora estes, se alguma comisturação existe é nas terras das bailadeiras mas os filhos destas, nados e criados em meios puramente hindus, encontram-se completamente divorciados de todo o influxo ocidental, não servindo portanto para o sr. Maia basear neles a sua teoria da ilegitimidade da propaganda separatista.

V—A civilização dos goeses reflete a da metropole distanciando-se da indiana...

Mais um exemplo do comparativismo *sui generis* que caracteriza a lógica do sr. Maia.

E' erroneo procurar avaliar-se a civilização dos goeses todos pela pequena comunidade goesa residente em Portugal e feita quasi exclusivamente de cristãos. Mas estes se são ocidentalizados perfeitos é porque a isso os obrigou a vida numa sociedade extranha onde precisam de vencer e ser compreendidos. Não assim os seus 250.000 conterrâneos da mesma religião que vivem no seu meio próprio e nos quais a ocidentalização se deu muito superficialmente: no traje, no credo e em certos costumes...

E se volvermos os olhos para os outros 250 mil, os hindus, que formam actualmente a comunidade mais forte e mais progressiva vemos que, ao contrário do que se pensa, a sua situação é tão semelhante à dos hindus dalem Gatés que a fronteira que se interpõe



entre eles é uma mera barreira acidental sem sentido algum de diferenciação étnico-social.

VI—E' um contrasenso o apoio que fornecemos à propaganda separatista dos nossos irmãos na Índia mater «pois que sendo nós, os goeses, um valor nulo para o concerto total, seríamos fatalmente objecto de desprezo e até de perseguição da parte dos actuais súbditos de Jorge V.

Mania de sentenciar... E' conhecido o célebre argumento de D. Leonor de Gusmão. Paraphraseando podíamos responder: «Antes perseguidos pelos nossos do que tolerados por extranhos». (Digo tolerados tendo em conta aquela outra expressão de Eça de Queiroz: África vender, Goa ceder). Mas não me custa provar que nem Goa nem os seus habitantes representam um valor nulo no concerto total da região indiana.

Quanto a terra ela é o Eden de Malabar, di-lo um escritor português illustre. Possui o melhor porto natural de toda a costa, que devidamente explorado podia enriquecer não apenas Goa mas toda a Índia central. O seu passado é glorioso. Cantada no «Mahabarata» encomiada nos velhos escritos da literatura bramânica, foi a *Ariake* dos gregos, a *Kem-Kem* dos mouros, degladiaram-se por ela o *Grescente* e a *Cruz*.

Quanto aos seus habitantes nada nos diz de especial o passado: Os primores da sua literatura que se abrigavam sob o velo protector dos templos, destruiu-os completamente o facho incendiário da Inquisição sob o pretexto de que eram tratados de feitiçaria. Mas quem ignora do presente os nomes gloriosos dum Abade de Faria, dum Venâncio Rodrigues, dum Francisco Luís Gomes, dum Gerson da Cunha, dum Agostinho Lourenço, ou dum Gama Pinto que, embora laborando em meios europeus não, tiveram nas suas veias nem uma gota de sangue europeu?

Quem ignora as glórias alcançadas pelos meus conterrâneos em todos os ramos de actividade e em todo o mundo mas principalmente em Bombaim, Karachi, Rangoon, Mombassa, Zanzibar e Singapura, onde formam colónias numerosas?

Quem desconhece as prodigiosas faculdades de trabalho e abnegação dos nossos pobres marítimos que, na frase dum escritor inglês, são «the best seamen of Southern Asia»?

Quem ignora a nossa grande obra civilizadora em Moçambique que nós exclusivamente desbravámos e colonizámos, num tempo em que os europeus, receando as febres tropicais, somente acorriam aos lugares chorudos?...

Tudo isto são factos que é bom não perder de vista e muito menos hoje em dia que na Africa sofremos perseguições da parte dos poderes públicos, baseadas em prejuizos raciais.

E doutro lado, eles demonstram a evidência como o sr. Maia foi infeliz ao inventar a tal história das perseguições e desprezos da

parte dos nossos irmãos súbditos de Jorge V que muito nos prezam...

\*\*\*

Como disse, este artigo é a adaptação duma carta aberta ao sr. Alvaro Maia que não chegou a ser publicada. Ao terminá-la eu pedia-lhe o favor de não mais fazer apelos *encapotados* ás autoridades *para se preocuparem sério com a nossa errônea propaganda*. Rogava-lhe que o dissesse abertamente.

Que o requeresse mesmo, em querendo, em papel selado e com assinatura reconhecida, pois sabido que perseguições desta natureza somente beneficiam os perseguidos, além de efectuarem entre eles uma selecção salutar, o sr. Maia, requerendo-as, somente prestaria um grande serviço à pessoa e à causa de quem escreve estas linhas...

Coimbra. Outubro de 1926.

ADEODATO BARRETO

## Todos os operários

conscientes devem

lembrar-se de que

“A BATALHA,, só pode

manter-se desde que

não lhe fálte o neces-

sário auxílio

